



Análise do Uso da Estereoscopia como Ferramenta de Intensificação do Gênero de Horror no Filme "O Monstro da Lagoa Negra"¹

Tiago Eugenio dos Santos²
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

Resumo

O presente estudo busca realizar uma análise geral do uso da estereoscopia como ferramenta de intensificação dos recursos discursivos do gênero de horror no caso específico do filme "O Monstro da Lagoa Negra" de 1954 dirigido por Jack Arnold. Esse filme se insere no contexto do auge da utilização da estereoscopia da década de 1950, na tentativa do cinema em competir com o novo fenômeno da televisão. O gênero do horror nasce na literatura e desde então vem se propagando em múltiplas plataformas, encontrando no cinema o veículo no qual melhor se expressa. Este estudo parte do pressuposto de que a estereoscopia poderia ser utilizada como ferramenta para acentuar algumas características do gênero de horror como o medo e a aproximação do objeto de terror. Ao final, são delineados pontos nos quais a estereoscopia foi bem utilizada e outros nos quais a técnica fica relegada a segundo plano.

Palavras-chave: Cinema; Estereoscopia; Gênero; Horror.

Introdução

Stephen King em seu livro "A Dança Macabra" descreve uma história na qual um grupo de viajantes, incluindo Percy, Mary Shelley, Lord Byron e John Poliodori, passavam as férias em um casebre às margens do Lago Genebra, na Suíça. Semanas de chuvas torrenciais forçaram os amigos a passarem seus dias e noites enclausurados.

Em uma dessas noites, depois de ler uma assustadora história da coletânea "Fantasmagoria" descoberta por Byron, este propôs um desafio: cada um deles deveria escrever uma história de fantasma. Cada um apresentou uma história e assim nascia o horror, momento simbólico que o autor apresenta como sendo o primórdio desse gênero que dava seus primeiros passos desde o lançamento de "O Castelo de Otranto" de 1756, escrito por Horace Walpole.

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Visual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestrando do Curso de Imagem e Som da UFSCar, email:irwinbryan@gmail.com



O gênero cresceu e se expandiu muito nos últimos duzentos e cinquenta anos com autores como: Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft, H.G. Wells, Robert Louis Stevenson, Ira Levin, para citar apenas alguns. Posteriormente o Horror conquista diversas mídias e plataformas como: histórias em quadrinhos, músicas, televisão e rádio, o cinema.

O gênero "atravessa várias formas artísticas e vários tipos de mídias, cuja existência é reconhecida na linguagem ordinária."(CARROL, 1999, p.27).

Segundo Laura Cánepa em sua tese de Doutorado "Medo de quê? Uma História de Horror nos Filmes Brasileiros" (2008), o cinema pode ser considerado um dos veículos onde o gênero de horror melhor se expressa. Segundo ela, durante o último século os filmes de horror absorvem e reproduzem influências diversas, da literatura às histórias em quadrinhos.

Porém o cinema de horror também criou suas próprias marcas ao longo de sua história, em seus primeiros passos dentro do cinema o gênero de horror se viu impulsionado principalmente por dois fatores que mudaram a indústria do cinema nos Estados Unidos e possivelmente no mundo ao final da década de 1920: o surgimento do cinema falado e a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929.

A dinâmica dos filmes se modificou por conta do cinema falado. Os diálogos foram privilegiados em produções que rapidamente dominaram o mercado. (CLARENS, 1997, p.27). E a queda da bolsa de Nova Iorque fez com que a indústria cinematográfica se precipitasse em uma depressão econômica acompanhando os outros setores da indústria. Neste mesmo período de acordo com Marie-Thérèse Journot (2002), os estúdios dos primórdios do cinema falado passam a organizar suas obras a partir dos gêneros.

A especialização de algumas produtoras era tanta "que, nos anos 30, se identificava a *Warner* com os filmes de *gangsters*, a *Universal* com filmes de terror, etc." (2002, p.79).

Mesmo que a especialização em um ou outro gênero no cinema possa ser vista como um fator limitante, geralmente os gêneros exercem uma função essencial no processo de apropriação do público que, "quando não é capaz de reconhecer um filme num determinado gênero, ele certamente fracassa na bilheteria."(CALIL, 1996, p.55).

Tendo no expressionismo alemão influência de suas "narrativas sombrias, e os climas mórbidos, à base de claros-escuros radicais (...), mas não as deformações plásticas do caligarismo"(MERTEN, 2005, p.45), o ciclo de filmes de horror da



Universal foi marcado por produções geralmente de baixo custo para o mercado, todavia acabou se revelando muito lucrativos.

Em seu livro "A Enciclopédia dos Monstros", Gonçalo Júnior lembra que havia outra razão para que a *Universal* produzira muitos clássicos do horror. A indústria cinematográfica norte americana passava por um reposicionamento temático em seus filmes durante o período da Grande Depressão.

Por causa da crise de 1929, a indústria cinematográfica de *Hollywood* se engajou no sentido de produzir filmes que ajudassem as pessoas a esquecer seus problemas, com traumas que traziam homens viris, mulheres lindas, paisagens exóticas e histórias de amor e aventura. A *Universal*, no entanto ofereceu um linha de produtos às avessas: filmes com cadáveres, vampiros e lobisomens que, durante algum tempo, não teve concorrentes. (JÚNIOR, 2008, p.168).

Filmes como "Drácula" (*Dracula*, 1931, EUA), de Todd Browning, "Frankenstein" (*Frankenstein*, 1931, EUA) e "O Homen Invisível" (*The Invisible Man*, 1932, EUA), ambos de James Whale, foram obras que marcaram o apogeu do trabalho do estúdio *Universal* com o gênero horror.

Após este apogeu, a repetição exaustiva das fórmulas acabaram por diminuir o impacto de seus filmes.

Seus velhos monstros e atores tornaram meros coadjuvantes em comédias. *Hollywood* domesticara seus monstros, retirando suas auras de ameaça assustadora vindas do além túmulo ou de fora da normalidade e os revestindo de amigável familiaridade. (PIEDADE, 2002, p.27).

Mesmo com a diminuição do sucesso de seus filmes o estúdio da *Universal* continuou sua produção de filmes do gênero de horror e com o uso da estereoscopia retomou parte de seu sucesso no gênero.

A aplicação estereoscópica não era em si uma novidade técnica na década de 1950, pois, já em 1838, Sir Charles Wheatstone concebe o aparelho estereoscópio que permitia a sensação de profundidade da visão binocular humana. Sendo que a estereoscopia esteve presente no cinema desde seus primeiros anos, curtas como "Plastigrams" (1923), "Lumiere 3-D tests" (1934) e o longa metragem "The Power of Love" (1922) contribuíram muito para o desenvolvimento do cinema 3-D. Ao final do período em que o cinema estereoscópico era novidade, os fundamentos técnicos tinham se tornado amplamente conhecidos e propiciaram juntamente com o medo da televisão e a diminuição das platéias do cinema em um estouro do número de obras que empregavam esta técnica.



A *Universal* lança em 1954 "O Monstro da Lagoa Negra" (*Creature from Black Lagoon*, EUA), dirigido por Jack Arnold e feito originalmente para ser exibido em 3-D com o uso de óculos especiais. O filme trazia também como novidade cenas subaquáticas em 3-D.

O filme se passa na Amazônia brasileira, onde Carl Maia (representado por Antonio Moreno), um pesquisador, fotografa o que parece ser a nadadeira de um anfíbio que talvez estivesse extinto. Mas o que ninguém nota é a presença discreta de uma criatura com o mesmo tipo de nadadeira, que está bem viva e próxima a eles. Carl viaja para mostrar sua descoberta e obter apoio financeiro. Ao retornar com outros pesquisadores, vê horrorizado que foram mortos dois funcionários dele, Thomas (Perry Lopez) e Louis (Rodd Redwing), que ficaram no acampamento. Achando que podem ter mais sorte em outro local, eles rumam para a Lagoa Negra. Lá encontram uma misteriosa criatura anfíbia, que pode ser o elo perdido entre duas espécies (uma aquática, outra terrestre). A criatura se mostra muito hostil, atacando sempre que possível os membros da expedição.

O filme, segundo Vicent Di Fate, tem influências do "O Mundo Perdido" (*The Lost World*, 1925, EUA) dirigido por Harry Hoyt.

O filme se inspira na tradição iniciada pelo longa mudo O Mundo Perdido, do romance de Arthur Conan Doyle, onde um grupo de cientistas se aventuram em um planalto perdido no Brasil onde animais pré-históricos vagueiam livremente. (Documentário "De volta a Lagoa Negra").

William Alland, produtor da *Universal*, no documentário "De Volta a Lagoa Negra" presente no DVD de relançamento do filme, diz que uniu o conceito de "O Mundo Perdido" com uma história supostamente real que lhe contaram em um jantar sobre uma criatura, metade homem, metade peixe que diziam viver no Rio Amazonas.

Histórias e lendas a parte, o filme se tornou um clássico do cinema de horror contando com um cunho científico no qual os pesquisadores explicam a origem da criatura e fazem parte de uma escavação científica. Há também uma precoce preocupação ambiental e uma série de linhas discursivas próprias dos filmes do gênero de horror é utilizada.

A escolha pelo uso da estereoscopia pode, a primeira vista, parecer ter sido motivada pela mesma razão que levou ao estouro do uso desta técnica na década de 1950: o medo que havia do fenômeno da televisão, levando a uma competição para não perder espectadores nas salas de exibição. Porém, a aplicação da estereoscopia pode

permitir que esta seja usada para colocar em maior evidência recursos discursivos próprios do gênero de horror como por exemplo causar medo, a aproximação do monstro, o choque com a criatura assustadora, entre outros.

Este trabalho apresentará em seu segundo tópico uma maior explanação da técnica estereoscópica com conceitos importantes para o entendimento do 3-D.

No terceiro tópico o filme estudado será analisado demonstrando em suas partes como que a estereoscopia foi utilizada em relação aos recursos discursivos do horror.

E por fim uma conclusão na qual serão apresentados os resultados obtidos no estudo do "Monstro da Lagoa Negra".

Fundamentos da Estereoscopia

Um dos conceitos utilizados para a construção da estereoscopia que a torna específica é a disparidade da retina e a paralaxe. Os seres humanos conseguem visualizar a profundidade devido à estereoscopia, que é a capacidade de interpretação de um par de imagens estéreo para visualização de uma imagem tridimensional (MACHADO, 1997). A estereoscopia é processada no cérebro, onde a fusão das duas imagens resulta em informações quanto à profundidade, distância, posição e tamanho dos objetos, gerando uma sensação de visão de 3-D (ANDRADE, GOULARTE, 2009).

Como é ilustrado na **Figura 2.1** são capturadas duas imagens ligeiramente diferentes relativas à mesma cena, da mesma maneira que vemos o mundo real.

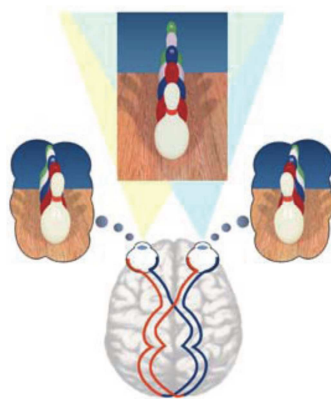


Figura 2.1 – Visões de cada olho da mesma cena.

Uma consequência imediata da diferença das imagens capturadas pelos dois olhos é o espaçamento entre o mesmo ponto projetado nas duas retinas, chamado de

disparidade na retina. Na **Figura 2.2**, o olho da esquerda vê a árvore (marrom) à esquerda do pinheiro (verde), enquanto o olho direito a vê à direita.

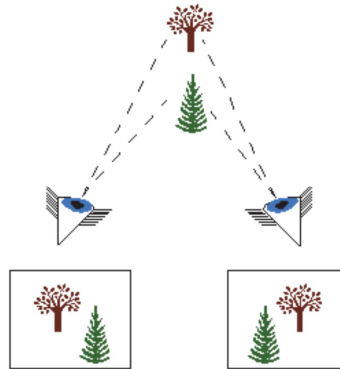
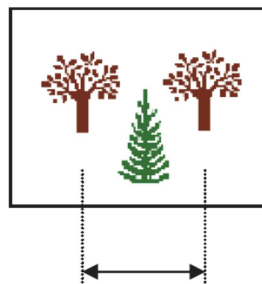


Figura 2.2 – Visões da mesma cena pelos dois olhos.

Estas duas imagens chegam ao cérebro, onde é feita uma superposição, resultando na sensação ilustrada pela **Figura 2.3**. A disparidade é interpretada pelo cérebro para a fusão de apenas uma imagem, resultando na sensação de profundidade.



disparidade na retina

Figura 2.3 – Superposição das imagens e a disparidade na retina.

A paralaxe é a distância entre os pontos correspondentes das imagens do olho direito e do esquerdo na imagem projetada na tela. Em resumo, disparidade e paralaxe são duas entidades similares, com a diferença que paralaxe é medida na tela de projeção e a disparidade, na retina. É a paralaxe que produz a disparidade, que por sua vez, produz a sensação da profundidade. Os três tipos básicos de paralaxe são:

- **Paralaxe zero:** conhecida como ZPS (do inglês *Zero Parallax Setting*). Um ponto com paralaxe zero se encontra no plano de projeção, tendo a mesma projeção para os dois olhos (**Figura 2.4 (a)**).

• **Paralaxe negativa:** significa que o cruzamento dos raios de projeção para cada olho encontra-se entre os olhos e a tela de projeção, dando a sensação de o objeto estar saindo da tela (**Figura 2.4 (b)**).

• **Paralaxe positiva:** o cruzamento dos raios é atrás do plano de projeção, dando a sensação de que o objeto está atrás da tela de projeção (**Figura 2.4 (c)**).

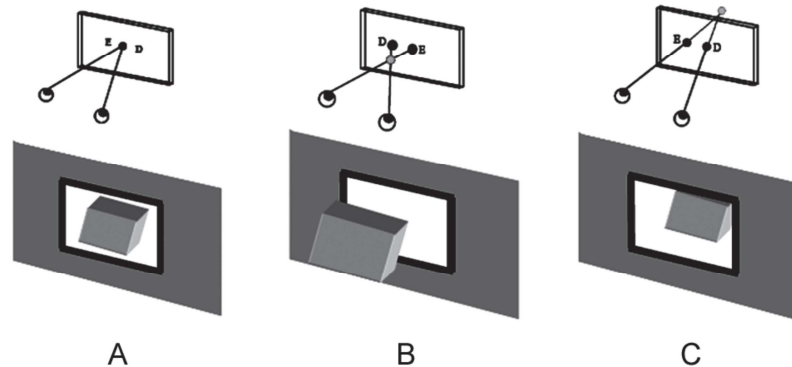


Figura 2.4 – a) Paralaxe zero (ZPS), b) Paralaxe negativa e c) Paralaxe positiva.

Para a produção de "O Monstro da Lagoa Negra" além do conhecimento destes fundamentos foi necessária a utilização de uma câmera que capturasse essas particularidades da visão para que na projeção os óculos especiais fundindo as duas imagens projetadas criasse a ilusão do 3-D.

A maneira utilizada pelo estúdio *Universal* para a captação foram duas câmeras, uma de frente para a outra, sendo que a imagem era refletida para elas através de espelhos, como podemos observar na **Figura 2.5**. Esta técnica foi usada até o final da década de 1950 e era chamada de Visão Natural.



Figura 2.5 - Esquema representando a câmera utilizada no filme.

Além do uso da técnica da Visão Natural, como o filme pretendia inovar ao ser o primeiro filme em 3-D com cenas subaquáticas, uma caixa seladora foi confeccionada para a proteção do aparato.

Para este estudo foi utilizado uma cópia do filme exibido no penúltimo dia do X Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema (Socine), que ocorreu em outubro de 2007 na cidade mineira de Ouro Preto. A cópia foi obtida com Leonardo Andrade, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e diretor da restauração digital do filme em 3D, convertido para ser visto com o óculos especiais ciano/ vermelho.

Análise: "O Monstro da Lagoa Negra"

Para a análise do filme "O Monstro da Lagoa Negra" foram selecionados alguns planos e cenas com importância na aplicação estereoscópica e/ ou narrativa, aqui representados pelas imagens retiradas do filme.

Já no início do filme uma narração conta sobre os primórdios do planeta Terra e uma explosão espalha pela tela detritos que se propagam saindo da paralaxe positiva até a negativa como pode ser observado na **Figura 3.1**. Este tipo de aplicação da estereoscopia era geralmente usada por muitos filmes nos primeiros minutos, como uma forma de "apresentar" a tecnologia 3-D com o intuito de causar impacto e prender os espectadores.

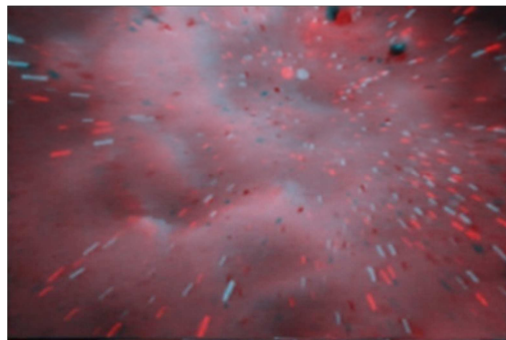


Figura 3.1 - Explosão (00:01:22)

Na **Figura 3.2(a)** podemos ver um fóssil (nadadeira de uma criatura anfíbia) encravada na pedra, achada pelo Doutor Carl Maia que mais tarde organizará a expedição para a Lagoa Negra. Pouco a frente no filme uma nadadeira semelhante ao fóssil salta da Lagoa e rasga a terra, representada na **Figura 3.2(b)**. Os dois planos usam

a semelhança de enquadramento para gerar um paralelo e também se utilizam da estereoscopia por estarem na mesma paralaxe para intensificar esse reconhecimento.

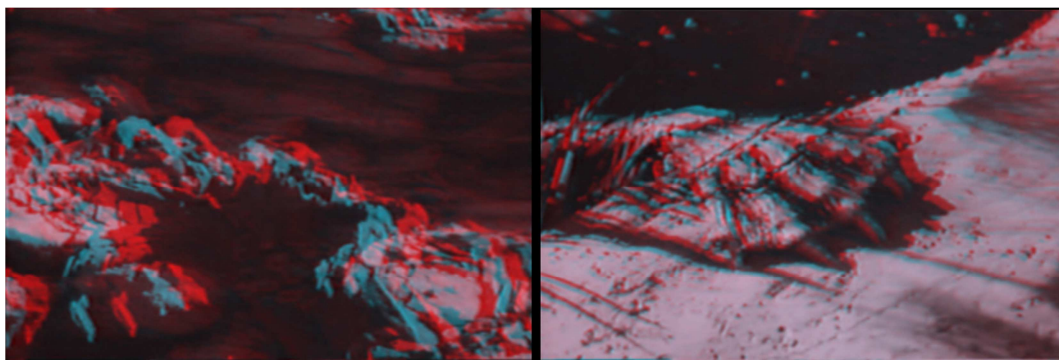


Figura 3.2 - (a) Fóssil (00:02:56); (b) - Nadadeira da Criatura (00:03:57).

Ao decorrer do filme algumas cenas trazem os cientistas em primeiro plano e a paisagem em profundidade (paralaxe positiva), e outras cenas subaquáticas que criam diversos planos entre peixes e vegetação.

Essas cenas, nas quais a aplicação da estereoscopia se repete, podem criar interessantes jogos de profundidade, porém não fogem da normalidade da aplicação da técnica 3-D.

Após se reunirem, os cientistas que irão fazer a expedição vão ao Instituto de Biologia Marinha no Brasil para combinar os detalhes. Neste momento podemos ver os cientistas em paralaxe positiva e o fóssil em maior evidência. Mesmo que por conta dos diálogos tenhamos a atenção direcionada para os cientistas, a estereoscopia enfatiza o fóssil sem a necessidade da troca de enquadramento. Toda a sequência se alterna com cenas subaquáticas dos tanques do Instituto criando, através da aplicação da técnica, uma alteração narrativa interessante.



Figura 3.3 - Reunião dos cientistas com o fóssil em evidência (00:09:32).

Logo após vermos pela primeira vez a face da Criatura em uma cena em que os cientistas mergulham à procura de provas de que o restante do fóssil está na Lagoa Negra, um dos cientistas sai pela parte superior da tela em paralaxe negativa e o monstro quase o pega com um golpe, golpe este que vem da paralaxe positiva até a negativa fazendo com que o espectador assuste de maneira mais intensa do que sem a ilusão do 3-D, como vemos na **Figura 3.4**.



Figura 3.4 - Nadadeira da Criatura e o pé do cientista (00:24:40).

Em uma das sequências mais comentadas do filme, tanto por críticos como por fãs, a personagem Kay, que faz parte da expedição, nada na superfície da Lagoa Negra ao passo que a Criatura nada embaixo dela, praticamente a espelhando, criando um misto de sexualidade e medo. Como podemos notar na **Figura 3.5**, a aplicação da estereoscopia deixa a desejar. Mesmo se utilizando da visão subaquática, a paralaxe não interfere na composição da cena.

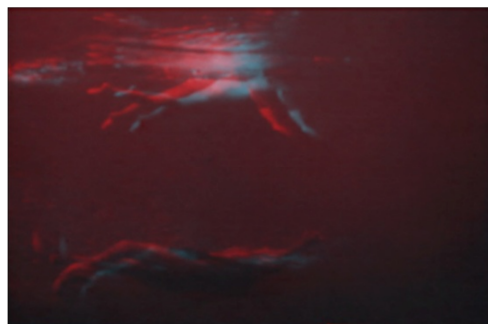


Figura 3.5 - Kay nada com a Criatura logo abaixo dela (00:29:25).

Em mais um mergulho dos cientistas, agora dotados de câmera e arpão, vemos o monstro se esconder em meio da vegetação subaquática. A **Figura 3.6** mostra esse ponto da cena na qual a aplicação da estereoscopia vai de encontro com a intenção da

Criatura em se esconder. Cada filamento da vegetação está na paralaxe negativa enquanto que a Criatura está no ponto onde a paralaxe é mais positiva. Uma bem acertada escolha de usar o 3-D como forma de interferir na composição do plano.

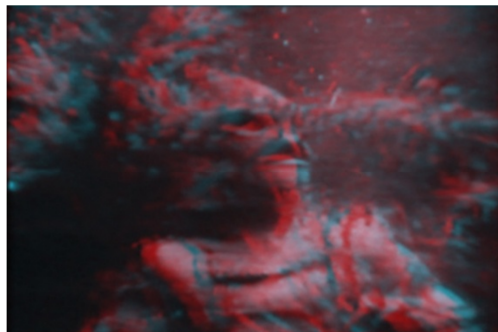


Figura 3.6 - Criatura escondida na vegetação (00:37:37).

Em perseguição à Criatura, que atacara o barco e fugiu, os cientistas a encurralam na margem da Lagoa Negra e a confrontam com a lanterna do barco. Por não tolerar a luz o monstro fica raivoso e faz um gesto de ataque. Mais uma vez o gesto de ataque salta para "fora" da tela (paralaxe negativa) usando a estereoscopia como amplificação do fator susto criado pelo ataque. Aqui vemos não só o uso da paralaxe negativa para espantar o público como também um intensificador do medo gerado pela Criatura.



Figura 3.7 - Criatura atacando em paralaxe negativa (00:48:33).

No momento do filme, de onde é extraído as **Figuras 3.8(a)** e **(b)**, a tensão criada pelos ataques sucessivos da Criatura vai se intensificando. Na **Figura 3.8(a)** o monstro em primeiro plano, aproximado pela estereoscopia, move suas guelras e podemos contemplar seus olhos de peixe que avançam em direção ao público. O uso da estereoscopia neste caso, mesmo seguindo a técnica já usada outras vezes da saída da

paralaxe positiva para a negativa, é bem empregada em consoante com o horror crescente gerado pelo filme, trazendo um impacto maior para a cena. Em sua sequência demonstrada na **Figura 3.8(b)** o monstro ergue seus braços e vai em direção a Kay, mas antes de alcançá-la a Criatura é abatida. O crescente dado pela narrativa juntamente com a estereoscopia aumentam o pavor que a cena gera.

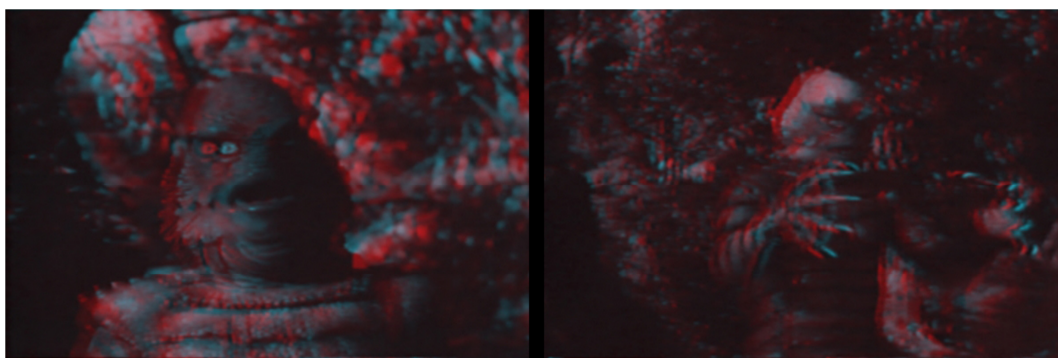


Figura 3.8(a) - Criatura (00:51:14); (b) - Criatura indo em direção a Kay (00:51:24).

Adiante no filme temos um dos maiores pontos de tensão, quando a Criatura invade o barco enquanto o restante do grupo dos cientistas faz uma tentativa de sair da Lagoa Negra. O efeito citado nas figuras anteriores volta a aparecer ao passo que a Criatura caminha da paralaxe positiva para a negativa cada vez mais perto da câmera e do público. Aqui podemos pensar que houve uma repetição da fórmula das cenas anteriormente analisadas, todavia pelo fato da aproximação ser maior agora e estar mais perto do clímax do filme, a estereoscopia ajudou a ampliar essa gradação do horror.



Figura 3.9 - Criatura indo em direção ao público (01:14:45).

Próximo ao final do filme vemos o que alguns fãs chamam de "a pior e mais engraçada cena" do longa "O Monstro da Lagoa Negra". Um morcego, em rasante,

passa pelo cientista que está indo salvar Kay que havia sido raptada pela Criatura. Essa cena é assim criticada não só pela má execução do plano (é bem visível as cordas que seguram o morcego), mas também por usar a técnica da paralaxe negativa no intuito de assustar o público. Em um filme do gênero de horror isto poderia ser um ganho e não uma perda, porém quando esta técnica é usada fora de contexto e em um plano que em nada compõe o filme, faz com que a tensão e horror gerados gradualmente até este momento do filme pelo bom uso da mesma técnica estereoscópica sejam quebrados.

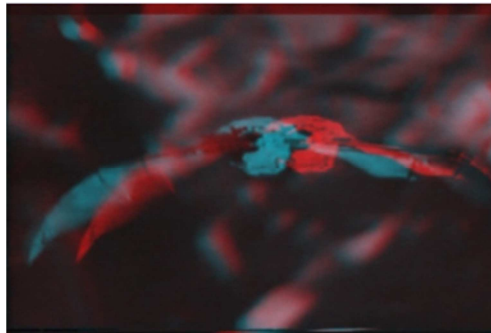


Figura 3.10 - Morcego voando em paralaxe negativa (01:16:10).

Utilizando as cenas escolhidas para uma análise geral do uso da estereoscopia como ferramenta de intensificação dos recursos discursivos do gênero de horror podemos chegar a conclusão dos pontos onde a técnica é usada em prol do gênero e os pontos onde ela é mera coadjuvante, sendo apenas uma novidade para aumentar a audiência.

Conclusão

O filme "O Monstro da Lagoa Negra" se insere em um estouro de longa metragens produzidos por *Hollywood* com o uso da estereoscopia, aplicando esta técnica pela primeira vez em cenas subaquáticas. Podemos concluir, ao analisar o filme em 3-D, que muitos de seus recursos estereoscópicos não fogem à regra das tantas produções da década de 1950, utilizando a estereoscopia somente como forma de inovação para atrair o público para o cinema, competindo assim com a televisão.

Com o uso praticamente constante de planos sequência onde os atores ficam em primeiro plano (paralaxe quase zero) e as paisagens e fundos se mantêm em paralaxe positiva, podemos dizer que a estereoscopia não ajuda ou altera em nada a composição da cena, participando de forma tímida.



Porém podemos analisar onde a técnica estereoscópica não fica relegada a segundo plano e toma papel importante tanto na composição como na narrativa. Neste ponto o filme de gênero horror tem suas vantagens por compartilhar em suas linhas discursivas características facilmente exploradas pelo 3-D, citados anteriormente, como o espanto, o medo e a aproximação.

No "Monstro da Lagoa Negra" em diversos momentos essa vantagem foi utilizada, usando a passagem da paralaxe positiva para a negativa criando espanto e medo do objeto que "sai" da tela. O filme conseguiu colocar o monstro golpeando o ar e criando a ilusão de que acertaria o público. Assim como o uso da paralaxe negativa para aproximar o monstro, gerador de horror, do espectador. E mais timidamente usando a estereoscopia para esconder a Criatura de forma a compor a narrativa da cena. Outra técnica estereoscópica foi utilizada com sucesso pelo filme estudado, sendo essa o uso do 3-D para focar o olhar do público no objeto ou personagem escolhidos pelo diretor.

De forma geral o filme tem pontos onde a estereoscopia foi bem utilizada e pontos na qual é falha, mas podemos afirmar em primeira estância que o 3-D compôs o filme em muitas cenas e amplificou gradativamente os recursos estilísticos próprios do gênero de horror.

Bibliografia

ANDRADE, L., GOULARTE, R. **Codificação de Vídeos Estereoscópicos**. Qualificação de Doutorado, ICMC – USP São Carlos, 2009. Disponível em:

<http://www.ies.ufscar.br/leoandrade/uploads/Docs/Doutorado/qualificacao_12122008.pdf>. Acessado em: 16/07/ 2012.

CALIL, Carlos Augusto. **Cinema e Indústria**. In: XAVIER, Ismail (org.). **O Cinema do Século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CÁNEPA, Laura L. **Medo de quê? - Uma História de Horror nos Filmes Brasileiros**. Campinas, SP: [S.I.], 2008.

CARROL, Noel. **Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração**. Campinas: Papirus, 1999.

CLARENS, Carlos. **An Illustrated History of Horror and Science Fiction Films**. Nova Iorque: Da Capo, 1997.

KING, Stephen. **A Dança Macabra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.



JOURNOT, Marie-Thérèse. **Vocabulário de Cinema**. Lisboa: Edições 70, 2002.

JÚNIOR, Gonçalo. **Enciclopédia dos Monstros**. São Paulo: Ediouro, 2008.

MACHADO, Arlindo. **Pré Cinemas e Pós Cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997.

MERTEN, Luis Carlos. **Cinema**: entre a realidade e o artifício. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

PIEIDADE, Lúcio Franciscis. **A Cultura do Lixo: Horror, sexo e exploração do cinema**. Campinas, SP: [S.I.], 2002.

SILVA, Rodolfo Stancki. **Representações Sociais do Cinema de Horror**: um estudo de recepção. Ponta Grossa, 2011.

Documentário "**De Volta a Lagoa Negra**". In Classic Monster Collection - "O Monstro da Lagoa".